

ADEMIR PASCALE  
ORGANIZADOR

# Poemas sobre o tempo

“Cada segundo é tempo para  
mudar tudo para sempre.”  
— Charles Chaplin



VOLUME II

**ORGANIZADOR**

**ADEMIR PASCALE**

**Copyright © por Autores**

**Projeto editorial por Ademir Pascale**

**Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos  
autores**

**Obra protegida por direitos autorais**

**Este e-book é parte integrante**

**da Revista Conexão Literatura**

**ISBN: 978-65-01-11151-3**

**2024**

**Patrocínio:**

**[www.revistaconexaoliteratura.com.br](http://www.revistaconexaoliteratura.com.br)**

# SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

- A IDADE E O TEMPO, POR ALEXANDRE MORAIS, PÁG. 05  
DIVERSÃO, POR CAROL TERESA, PÁG. 08  
REGISTRO, POR CAROL TERESA, PÁG. 10  
GALÁXIA, POR CAROL TERESA, PÁG. 12  
ENTARDECER, POR CAROL TERESA, PÁG. 14  
TIMING, POR CAROL TERESA, PÁG. 16  
RASGO NA ROTINA, POR DANIEL PEREIRA PONDÉ, PÁG. 18  
LIÇÕES ESQUECIDAS PARA LEMBRAR, POR DANIEL PEREIRA PONDÉ, PÁG. 21  
ECOS DO PASSADO, POR GUILHERME CRUZ, PÁG. 24  
TEMPO E TORMENTO, POR JULIANA FERREIRA DE ALMEIDA, PÁG. 27  
O TEMPO E A VIDA, POR MARCOS SÉRGIO CARVALHO REBOUCAS, PÁG. 29  
A VELHA CAIXA DE AMOR, POR MARLENÉ KRUPA DO RODÁRIO, PÁG. 32  
TIC-TAC, TIC-TAC, POR MEIRE MARION, PÁG. 35  
RITMO PRÓPRIO, POR SELMA LUANNY, PÁG. 37  
TEMPO DISSONANTE, POR SELMA LUANNY, PÁG. 39  
QUÃO DISTANTE!, POR SELMA LUANNY, PÁG. 41  
EXISTENCIAL, POR SELMA LUANNY, PÁG. 43  
TUDO PASSARÁ, POR VÂNIA ORTIZ, PÁG. 45  
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 48

VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)  
[WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)  
[WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)  
[WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD](http://WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD)

ADEMIR PASCALE  
ORGANIZADOR

# Poemas sobre o tempo

VOLUME II

“Cada segundo é tempo para  
mudar tudo para sempre.”

— Charles Chaplin

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# A idade e o tempo

Por Alexandre Morais

Alexandre Morais, pernambucano de Afogados da Ingazeira, é jornalista, poeta, escritor e produtor cultural. Tem mais de 60 títulos publicados, entre livros, cordéis e produções em áudio e audiovisual, além de várias participações em coletâneas.

**— Senhor Tempo, o senhor que é tão antigo,  
Que já viu tudo quanto se passou,  
O que é que se passa hoje comigo?  
Sou tão jovem, mas sinto que não sou!**

— Tudo vi, Dona Idade, tudo vi,  
Mas não posso ensinar, pois não vivi.

**— Como não? O senhor sabe de tudo!**

— O saber, ouça bem, cabe a quem vive.

Esta graça eu assisto, mas não tive.

Se me chamam senhor, sou senhor mudo.

**— Mas estamos falando, me ajude!**

**Seja claro, não venha com rodeios.**

**Seja a guia pra minha juventude,**

**Não me deixe sofrer em devaneios.**

— Juventude! Aí é onde mais debes

Não querer as respostas prontas, breves...

Raramente serão estas as certas.

**— Tenho medo, talvez insegurança.**

— Eu repito: que vença a temperança

E que sejam sutis as descobertas.

**— É bem fácil falar deste seu posto!**

**Deve ser confortável ser eterno!**

— Este posto também me traz desgosto

Tanto sei o que é céu, quanto inferno.

**— Não se sente por mim um responsável?**

— Ser você por você é mais saudável.

**— És o todo... de ti eu faço parte.**

**Confiei que pudesse me ajudar.**

— As lições estão soltas pelo ar

As perceba, as apanhe, nunca as descarte.

— Não entende pra mim qual é o mal?

**Não percebe que é duro ter um fim?**

**Por que não a ti deram um final**

**E este mesmo final deram a mim?**

— Um final, final mesmo, não conheço,

Mas por vezes eu tenho recomeço.

Já parou pra olhar por este lado?

— **Não senhor, na verdade não parei.**

— Veja só! A verdade é que eu olhei.

— **É verdade, eu devia ter olhado.**

— Dona Idade, não conte os próprios dias.

Nem semanas, nem meses e nem anos.

Não são horas que medem alegrias

Nem instantes que medem desenganos.

— **Como posso pensar e ser assim**

**Se meus passos me levam para o fim**

**E o passado é maior que meu futuro?**

— O futuro é incerto e sem tamanho

E o passado, que é certo, foi um ganho

Que um dia também foi obscuro.

— **O que devo fazer, então? Me diga!**

— Se descubra, se entenda e se aceite.

— **Cada fase da vida me intriga.**

— Cada fase da vida é um deleite.

— **Eu desisto. Nós não nos acertamos.**

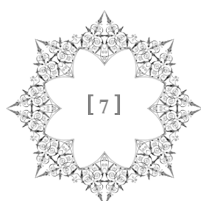
— Eu insisto. Nós juntos caminhamos.

Qual ponteiros, nós somos diferentes

Em tamanho, em ritmo e função

Mas seguimos na mesma direção

Apontando o destino dos viventes.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Diversão

Por Carol Teresa

Carol Teresa é formada em Comunicação Social, especialidade jornalismo, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUC-SP e atuou como redatora em diversas publicações da Editora Globo, Editora Abril e Editora Europa.



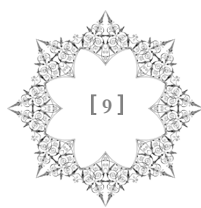


Passatempo

Tempo

Passa

Com graça



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Registro

Por Carol Teresa

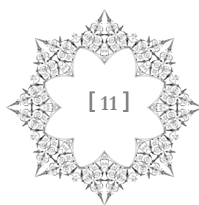
Carol Teresa é formada em Comunicação Social, especialidade jornalismo, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUC-SP e atuou como redatora em diversas publicações da Editora Globo, Editora Abril e Editora Europa.



Doei meu vestido de noiva  
Só o tenho na fotografia  
Que nada!  
Nem foto guardei

Nenhum minuto de uma imagem parada

A noiva de branco  
O noivo de preto  
E no crepúsculo  
Um novo casal em preto e branco.  
Eu, você e as nossas rimas



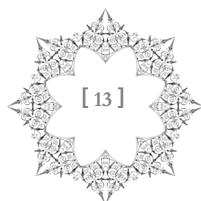
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Galáxia

Por Carol Teresa

**Carol Teresa é formada em Comunicação Social, especialidade jornalismo, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUC-SP e atuou como redatora em diversas publicações da Editora Globo, Editora Abril e Editora Europa.**

Quem pensa  
Que é uma estrela  
Está a mil anos luz

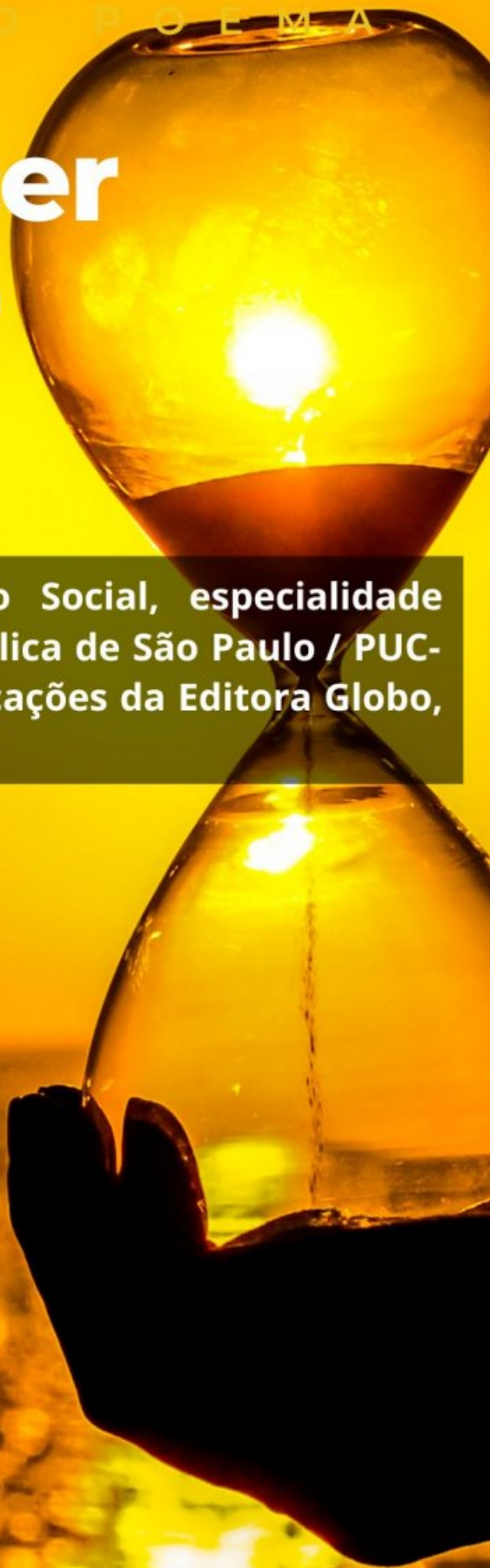


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

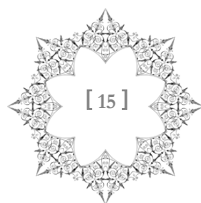
# Entardecer

Por Carol Teresa

**Carol Teresa é formada em Comunicação Social, especialidade jornalismo, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUC-SP e atuou como redatora em diversas publicações da Editora Globo, Editora Abril e Editora Europa.**



Quando o sol se põe  
Eu descanso  
Quando deito na rede  
Embalado no balanço

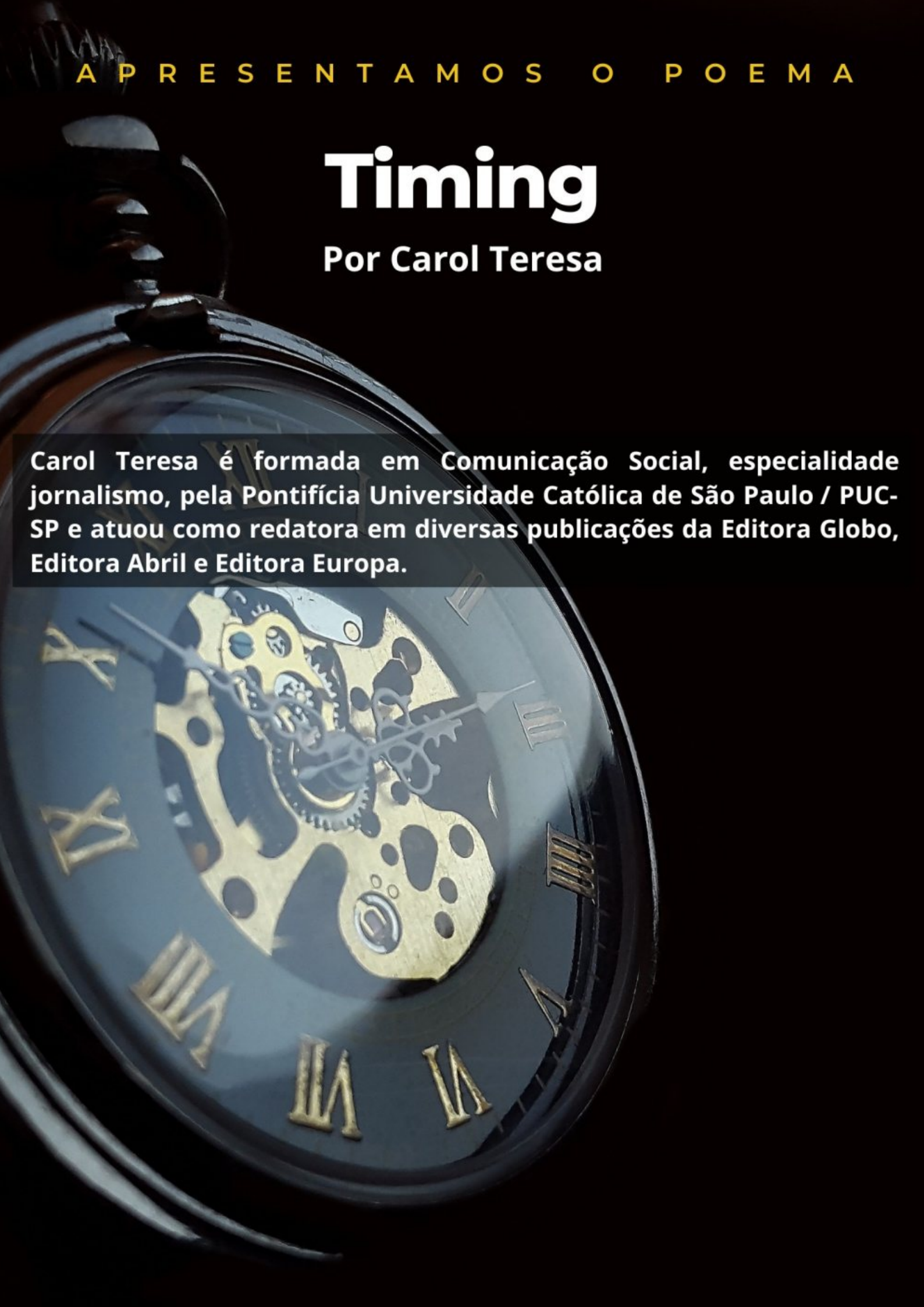


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Timing

Por Carol Teresa

Carol Teresa é formada em Comunicação Social, especialidade jornalismo, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUC-SP e atuou como redatora em diversas publicações da Editora Globo, Editora Abril e Editora Europa.





Encaderno

O caderno

Pós-moderno



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Rasgo na rotina

Por Daniel Pereira Pondé

Daniel Pereira Pondé nasceu em Salvador. Graduado em Direito pela Universidade Estadual de Feira de Santana. É Juiz de Direito no Tribunal de Justiça do Estado da Bahia desde 2013. Publicou alguns poemas e contos esparsos em antologias. Finalista do Prêmio da Livraria Asabeça em 2008 Quando era advogado ganhou o Prêmio Calmon de Passos (2009) de melhor peça processual, organizado pela OAB-BA.

Me amarro na rotina.  
O ponto bate  
o ponto volta.  
Dia vem  
dia vai.

A rotina se amarra  
no cotidiano.  
Cada dia  
cada ano.  
Gota a gota (de b́ilis, suor e semente).

A rotina é a liberdade  
vigiada entre quatro  
paredes lógicas enquanto  
equiláteros perfeitos  
jazem no ventilador.

A rotina aperta  
a mão da nostalgia.  
Aperta firme, aperta forte  
tão forte, tão forte  
que disfarça a saudade.

Na rotina domingo  
tem gosto de domingo.  
Sábado tem sabor  
de sábado.  
Segunda é segunda-feira (mesmo).

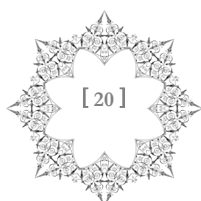
A rotina é um quadrado amplo  
contendo ziguezagues enciumados,

à moda de um valente que  
não quer brigar, provoca e depois  
diz “me segura”.

Pois a rotina é tão  
catedrática e louca.  
Tão nerd no atacado  
e vagal no varejo.  
Que abre pra balanço  
sob pena de bugar.

Os rasgos na rotina  
são colírios, amor de madrugada,  
a moça que fala em 33 rotações e  
gosta de Nounouse . Café e  
Direito. Felicidades espremidas.  
Livraria, cinema e poesia.

Tudo isso para me inserir  
no debate acadêmico da moda:  
— então é isso  
Epifânio (in)útil.  
A poesia é um  
rasgo na rotina.



A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

# Lições esquecidas para lembrar

Por Daniel Pereira Pondé

Daniel Pereira Pondé nasceu em Salvador. Graduado em Direito pela Universidade Estadual de Feira de Santana. É Juiz de Direito no Tribunal de Justiça do Estado da Bahia desde 2013. Publicou alguns poemas e contos esparsos em antologias. Finalista do Prêmio da Livraria Asabeça em 2008 Quando era advogado ganhou o Prêmio Calmon de Passos (2009) de melhor peça processual, organizado pela OAB-BA.



Para seguir o Manual do  
bom poeta da saga dos  
cristais partidos,  
favor incluir as seguintes  
palavras da próxima vez:

onírico	louvação
sinergia	enveredar
alvissareira	calmaria
pintassilgo	espalhafatoso
êxtase	aurora

(Verborrágico já está quase em desuso  
dentre aquelas que devem ser utilizadas,  
sendo facultativa pela ABNP).

Sobre temas favor acrescentar.  
Falar de sexo como um devasso  
envergonhado, que dá e que tira,  
que tira e que dá. Ser o poeta viril  
que lapida o poema com uma peixeira,  
mas que esconde sangue e suor,  
o novo poeta não sangra e nem sua.

Na verdade, o novo poeta  
sangra sim, sangra muito.  
Mas esconde (só dissimula)  
o fluido nas entranhas do ego, do eco.  
A rima pobre é a cerveja barata do boteco.  
(Bêbado de grade).

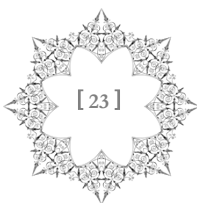
Imprescindível falar

da inutilidade da poesia  
para reafirmar a utilidade. Isto  
o poeta já fez, deixando vermelha  
a sua tez ( palavra obrigatória).

Não esquecer de mencionar  
a passagem do tempo  
este menino fugidio,  
Robin Hood da ampulheta.  
Dá coragem aos moços,  
subtrai dos velhos.  
Quando o oposto faria mais sentido,  
sob a ótica do que resta, não da  
clivagem que já passou por dentro.  
Cara não é coroa.  
Dinheiro não é tempo.

Por fim, este poema se quebra  
em mil pedaços . E o poeta  
recolhe os destroços  
pernósticos. Óbvio, poesia  
não é lugar para panópticos.

Pena, por se achar o  
ultimo laço do nó de górdio:  
Autoimolação.  
Mil chibatadas  
de versos próprios.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# **Ecos do passado**

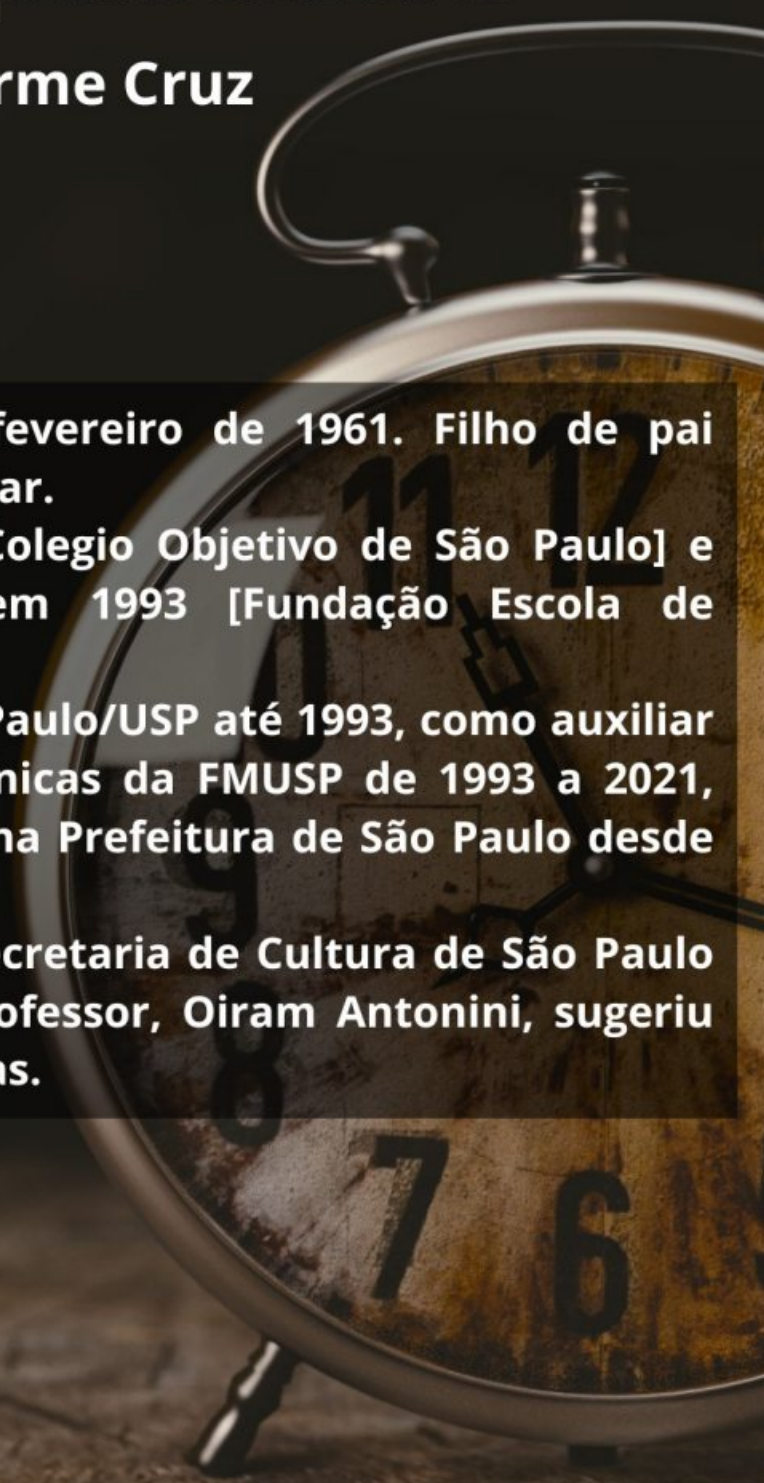
**Por Guilherme Cruz**

**Nascido em Cruzeiro/SP, em 01 fevereiro de 1961. Filho de pai engenheiro eletrotécnico e mãe do lar.**

**Concluiu ensino médio em 1979 [Colegio Objetivo de São Paulo] e formou-se em biblioteconomia em 1993 [Fundação Escola de Sociologia e Política].**

**Trabalhou na Universidade de São Paulo/USP até 1993, como auxiliar de bibliotecas; no Hospital das Clínicas da FMUSP de 1993 a 2021, como bibliotecário; é bibliotecário na Prefeitura de São Paulo desde 2001.**

**Por volta de 2010 frequentou na Secretaria de Cultura de São Paulo aulas sobre 'criação literária': o professor, Oiram Antonini, sugeriu que tentasse escrever alguns poemas.**





Na infância ele inicia  
Até parece demorar...  
Chega um dia percebemos  
Quanto o tempo é supremo.

A certeza que o dia  
Com tristeza ou entusiasmo  
Não demora a decorrer  
Esperança - eu hei de ter.

Sol, planetas, estrelas - os antigos estudaram  
Como o tempo calcular  
Vejam só que inteligentes  
Um período singular.

Noite e dia, dia e noite, acontecem amiúde  
Em períodos transitórios: - claridade e escuridão  
Passam meses, passam anos  
Coisa dela – a translação.

Invenção muito engenhosa  
Colocada na parede,  
É o nosso calendário  
Vai mostrar o aniversário.

Para os muito ocupados  
A existência será breve  
Sempre em ciclos - sol e lua  
A verdade nua e crua.

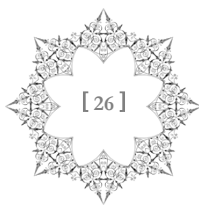
Nessa nossa existência  
Temos a perspectiva  
De tornar nossas jornadas  
Sempre livre de ciladas.

Muitos ciclos decorridos  
Brincadeiras, estudos, trabalhos...  
Tudo um grande mistério  
Até o fim - no cemitério.

Nossas vidas são finitas  
Tudo é muito fugaz,  
Ao morrer quero ir pro céu  
Afinal: sou bom rapaz.

Nestes anos percorridos  
Infortúnios todos temos  
Passado, futuro e presente  
Vais viver até que aguente!

São eventos implacáveis  
Em sequência nesta vida  
Até que chegue o meu dia  
Morrerei com alegria.

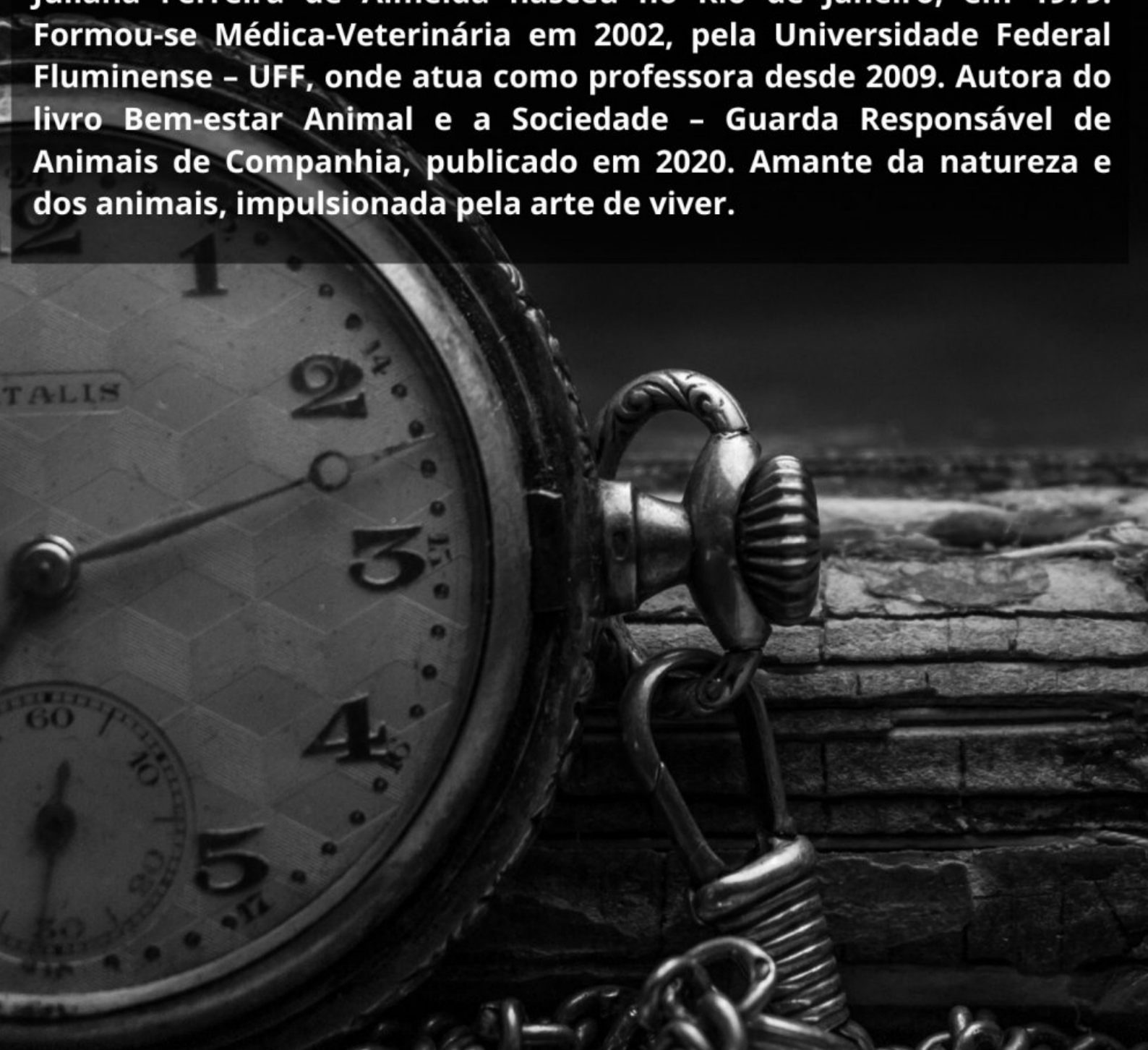


A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Tempo e tormento

Por Juliana Ferreira de Almeida

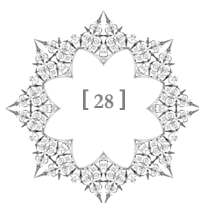
Juliana Ferreira de Almeida nasceu no Rio de Janeiro, em 1979. Formou-se Médica-Veterinária em 2002, pela Universidade Federal Fluminense - UFF, onde atua como professora desde 2009. Autora do livro Bem-estar Animal e a Sociedade - Guarda Responsável de Animais de Companhia, publicado em 2020. Amante da natureza e dos animais, impulsionada pela arte de viver.



No avançar da hora  
De mais um dia que finda  
Solitária no agora  
De um sonho que termina.

São lembranças que surgem  
Em momentos inoportunos  
Seu sorriso, seu cheiro  
Seu corpo, seu beijo.

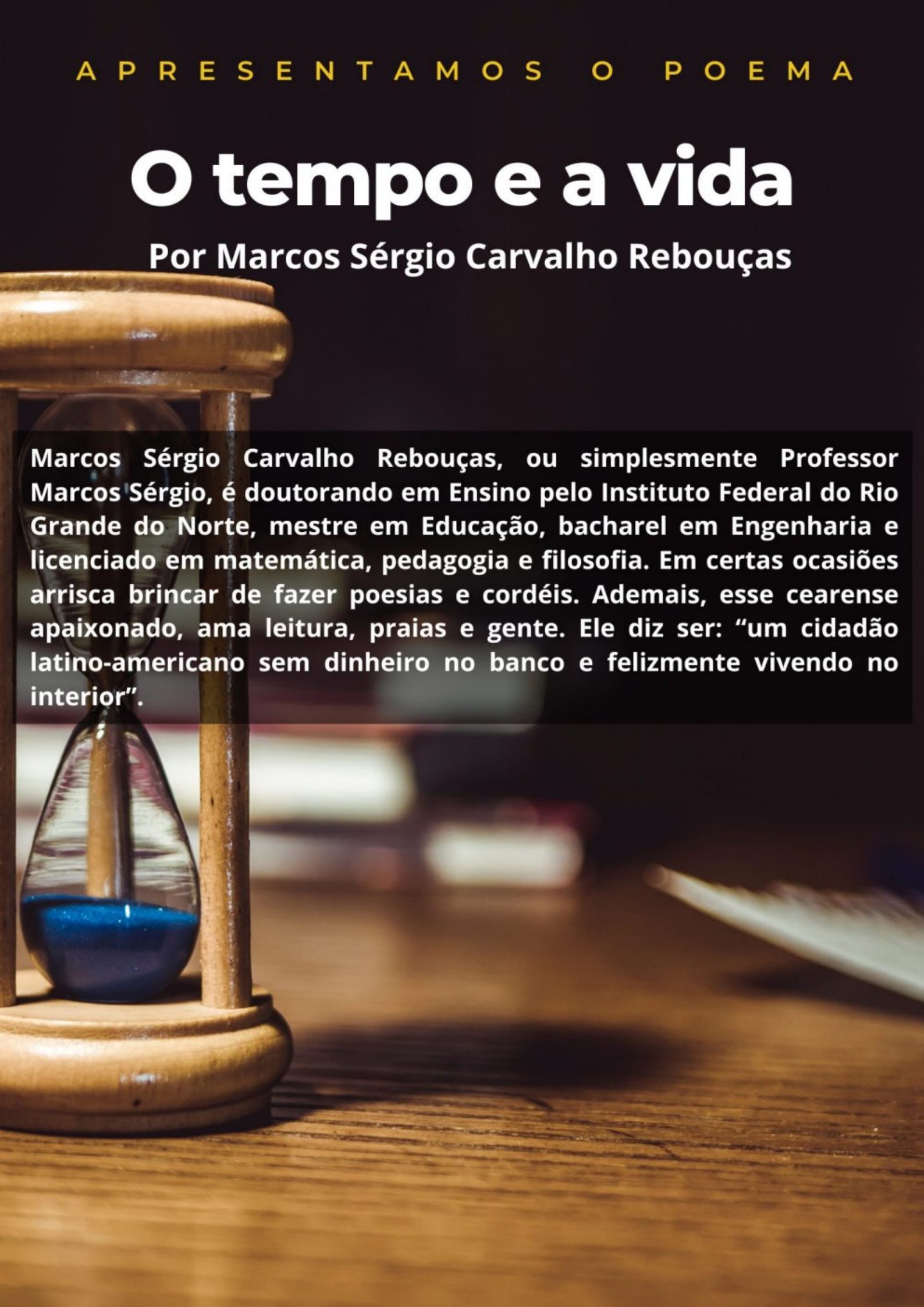
Se o tempo voltasse  
O que valeria a pena  
Passar direto por ti  
Ou insistir no que atormenta?



A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

# O tempo e a vida

Por Marcos Sérgio Carvalho Rebouças



Marcos Sérgio Carvalho Rebouças, ou simplesmente Professor Marcos Sérgio, é doutorando em Ensino pelo Instituto Federal do Rio Grande do Norte, mestre em Educação, bacharel em Engenharia e licenciado em matemática, pedagogia e filosofia. Em certas ocasiões arrisca brincar de fazer poesias e cordéis. Ademais, esse cearense apaixonado, ama leitura, praias e gente. Ele diz ser: “um cidadão latino-americano sem dinheiro no banco e felizmente vivendo no interior”.

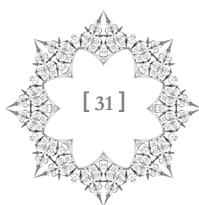
Em vosso fluir, sem início ou fim,  
Escorre a vida, em instantes dispersos  
O tempo não para pra rimas e versos  
Poesia de hoje ou, mesmo, de outrora  
Como areia entre dedos, o homem vai embora,  
Remindo a eterna e misteriosa grandeza,  
Em cujo decurso há dor e leveza  
Ditando os passos da alma, sem mora.

Nas asas do tempo há memórias e sonhos,  
De um passado que se esvai como raios de luz  
No presente, se desdobra o eterno e o agora  
Em que o tempo se encontra, encanta e seduz  
Rimando a troca, crepúsculo e aurora  
Em que a cor da vida se mostra e reluz.

Variando sempre, de tirano à mestre,  
Ensina-nos coisas, remenda, fere e repara  
Nos ciclos da existência, é um fio condutor,  
Que nos leva adiante, nem cansa nem para  
Acompanha os vales e os montes do mundo  
Em todos os ritos, o encanto profundo  
Em histórias e lembranças, a saudade dispara  
De um tempo vivido, que não se prendeu  
Voou para longe, em espaço fecundo  
No velho suporte, incansável e rotundo,  
Vive a escabiosa e o que se aprendeu.

A nave grandiosa do mais vasto tempo,  
Em eterno e brioso voo improvisado  
Apresenta-nos cenas e teatros sem métricas  
Banquetes e fomes, completo ou em bocado

Eivados de trunfos, espinhos e flores,  
O poeta ingênuo reclama suas dores  
Não lembra que um dia também foi amado  
No tempo oportuno, com gozo e enfado,  
Aprendeu com o tempo, a vida e o viver  
Num tempo bem próximo, antes de morrer  
Descobriu que o tempo é um cavalo selado  
Que de modo aguerrido deve ser montado  
Bem antes que chegue o anoitecer.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# A velha caixa de amor

Por Marlene Krupa do Rosário

Marlene Krupa do Rosário, 44 anos. Professora do Ensino Fundamental.

Reside na Cidade de Araucária/PR. Ama escrever poesias e contos.

Transportar o leitor para a emoção é o seu lema.



Hoje bateu aquela saudade  
Do fundo do baú peguei  
Minha velha caixa de madeira  
Pintada com flores.

A caixa fechada com o  
Cadeado do amor.  
Mãos trêmulas  
Explosão de emoção.

Cheia de mistérios  
Relíquias guardadas no tempo  
A emoção percorre minhas veias  
Inúmeras cartas de amor.

Cartas do meu eterno amor  
Eternizadas na tinta do papel amarelo.  
Pedacinho do seu coração na caixinha  
Palavras outrora vividas e cheias de amor.

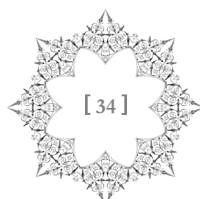
Relembrei, senti o perfume das cartas,  
como se as tivesse recebido nesse momento.  
Energia e presença  
Páginas de afeto e carinho.

Segredos compartilhados  
Docemente guardados.  
Papel amarelado pelo tempo  
Guardião de segredos.

Palavras bailam suaves e belas...  
Escritas com tinta e alma vibrante.

Abri a caixa com ternura  
O tempo foi gentil.

Amor eternizado na caixinha  
As cartas são testemunhas do amor vivido.  
O tempo passou, mas a chama nunca desvaneceu.  
Caixinha repleta de amor perdura no tempo.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Tic-Tac, Tic-Tac

Por Meire Marion

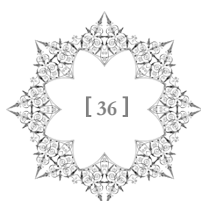
Meire Marion, professora de inglês, língua e literatura desde 1982, quando voltou dos Estados Unidos após ter vivido lá por 11 anos. Escritora dos livros infanto-juvenis *Charlie the Fish* (2018), *O primo do Charlie* (2018), *O menino que não sabia de onde veio* (2020) *Dois Gatinhos* (2021) e *THINK, FEEL, SMELL, SEE, WANT* (2022). Também participa de diversas antologias com poemas e contos.



No tic-tac constante do tempo a passar,  
As estações desfilam sem parar.  
O relógio implacável não se detém,  
E o ontem se torna o amanhã também.

Cada instante é um sopro fugaz,  
Um momento que se perde para trás.  
As memórias se entrelaçam no fio do tempo,  
E o presente se desfaz num lento lamento.

Mas no fluir das horas, há beleza a encontrar,  
Nas pequenas alegrias que o tempo faz brotar.  
Que saibamos valorizar cada segundo vivido,  
E no correr dos dias, encontrar o sentido.

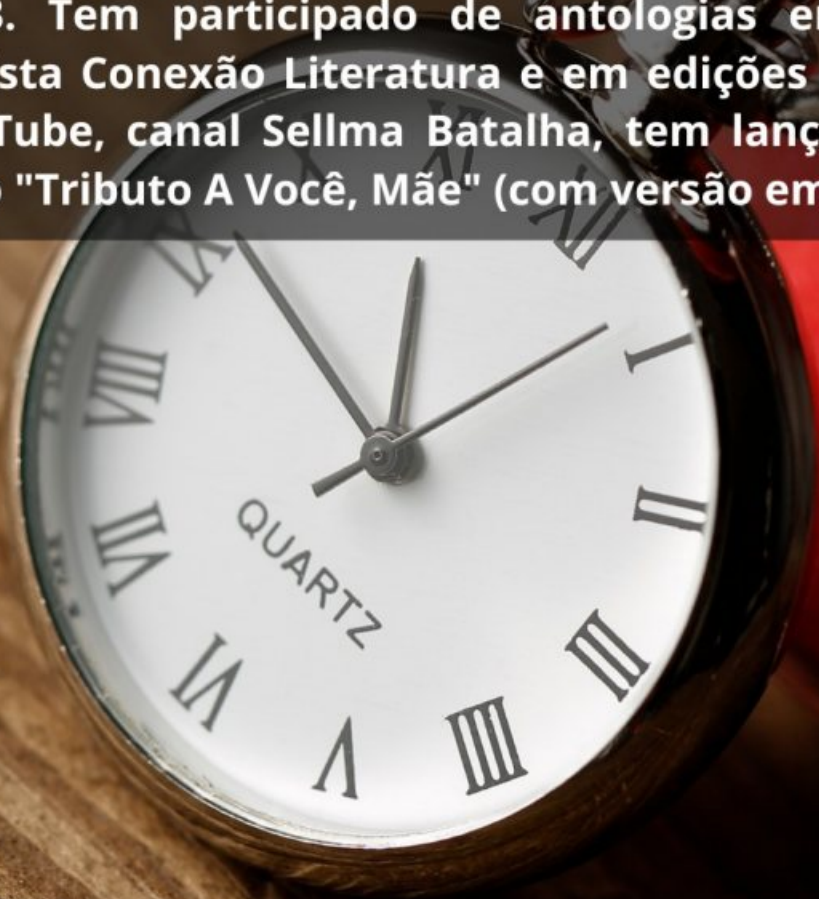


A P R E S E N T A M O S   O   P O E M A

# Ritmo próprio

Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).



Devagar, devagarzinho...  
como o pesado carro  
pelos cansados boizinhos,  
puxado.

Devagar como a brisa  
que para não assustar,  
levezinha passa.

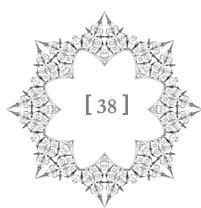
Devagar ao compasso  
dos compadres sem pressa  
que se acocoram  
para miudinho prosear.

Devagar como as mocinhas  
no tempo bem usado  
nas janelas debruçadas,  
sem cansar.

E a rainha do lar  
cedinho madruga  
para dos deliciosos quitutinhos  
bem cuidar.

Ligeireza até tentam,  
no ritmo que define  
aqueles que de motor  
não gostam...  
só de trem.

E lá vão!  
Da terrinha  
o mineiro ritmo...  
que os molda  
e até nos "inhos"  
os comanda.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

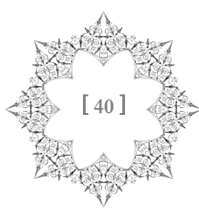
# Tempo dissonante

Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).



A cogitação de atemporalidade  
que num repente se insinua...  
Os minutos que parece, se delongam  
pela mente que absorve e voa...  
e horizontes, percorre...  
A cismar com panoramas  
e as suas impressões de  
variedades e variações, de temas e cores.  
E o imparável relógio assusta.  
Após uma infinidade de vivências,  
os preguiçosos ponteiros  
a não acompanharem o tempo mental.  
E aquela estranha sensação  
de desconectar-se da física do todo...  
o escapar da biologia  
do correr da hora... do que é o agora.





A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Quão distante!

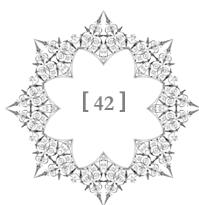
Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Céltica 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

Os elementos de um perdido tempo quando descalços ou mal calçados,  
os relevos todos cruzamos e as ameaças dos outros seres que do mesmo  
espaço usufruíam, enfrentamos. Da luz do ardente sol, arbórea cobertura  
nos abrigou... e sob os tetos das lapas do bravio mundo, repousamos...  
E assim, sem contar dias meses ou anos... por milênios... sem rumo  
e sem destino ao compasso do tempo das pernas e da fome.  
E a nunca impedir e a todos prover, a Terra.

Parando para descansar em intervalos... mas a seguir sempre... do  
desconhecido, tomando noção. Plantas e animais, subjugamos. E neste ir,  
ignorância e descuido... águas solos e ar, a macular. Moradias e cercas, erguidas...  
e as absurdas divisas. E então, fixação e posse... não mais irmãos  
nem família nem amigos... Traições e guerras canhões e cogumelos!  
Se agora formos, não mais chegamos. Transfigurado, tudo!  
Na redondeza do mundo, perdeu-se o horizonte.

Quão distante aquele tempo, quando livres, era só seguir!



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

# Existencial

Por Sellma Luanny

Brasileira e Médica Anátomo-Patologista, Sellma Luanny são prenomes e um dos pseudônimos da autora. Publicou três livros de poesia de sua autoria (Poemas Matizados, Julieta Serei Eu e Lilases) e participou em duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com o poema "Os Celtas E Eu" no Concurso de Poesia Celta 2022; "Menção Honrosa" com o poema "Pelos Povos" no I Concurso de Poesia Pagã 2023. Tem participado de antologias em e-books editados pela Revista Conexão Literatura e em edições mensais desta revista. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra, incluindo o livro "Tributo A Você, Mãe" (com versão em Inglês).

**hanhant**  
LEVER 7 JEWELS  
SHOCKPROOF  
1/100 MIN

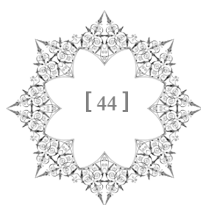
Vocábulo mais preciso  
não há – é mesmo "tempo".  
Aquilo que invisível,  
mas onipotente,  
a todos arrasta.

Concede e extrai e anula.  
O âmago da vida,  
devorado.  
E, o humano animal,  
num frágil humanizar.

No decorrer da formação,  
na sobrevivência dos seres...  
- "Humanidade" -  
nebuloso mecanismo...  
Sem meta.

Com espaços em branco,  
o frágil compêndio  
da existência.  
Não catalogados registros...  
Faltosos.

Incompleto fio,  
com diversas amplitudes  
e nós soltos.  
No vazio das dimensões,  
caóticas e fúteis premissas.



A P R E S E N T A M O S O P O E M A

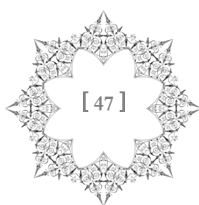
# Tudo passará!

Por Vânia Ortiz

**VÂNIA ORTIZ** é natural de Amparo / SP. Formada em Letras, Pedagogia, Pós-Graduada em Gestão Educacional, Especialista em Neuropsicologia e Comportamento Humano, Mestre em Linguística Aplicada e Doutoranda em Neurociência Aplicada à Educação, atua como Consultora Educacional. Amante da literatura, dos livros e da poesia, usa seu tempo livre para escrever e ler, além de ser membro Imortal de várias Academias, de ter seus poemas publicados em inúmeras antologias e de ser colaboradora em diversos jornais e revistas eletrônicas.

O ontem foi triste:  
Lembranças,  
devaneios,  
andanças,  
lugares que já não existem.  
Datas cravadas,  
punhais,  
sonhos desfeitos,  
ais  
não se apagam,  
cravam demais.  
Rogo ao tempo,  
ao relento  
carregar o que foi ruim,  
o que marcou em mim,  
trazendo boas novas  
de um recomeçar  
não tão triste assim.  
Ainda sonho,  
às vezes:  
nada é como antes.  
Atenuantes  
que não viram fatos.  
(Semi)empolgações  
de desacatos  
que temperavam  
o que vinha a ser  
de fato,  
consumado,  
sacramentado.  
O sol ainda brilha.  
Brilho tosco,

fosco,  
titubeante,  
cúmplice  
de meus versos irrelevantes  
a entristecer,  
sem querer,  
quem os lê,  
à espera,  
talvez,  
de uma mudança  
ou de frases de efeito  
a se contrapor  
com o cenário imposto  
sem ter sido eleito.  
Por enquanto,  
ficará como está:  
não há como forçar  
o sentimento  
e transformar o lamento  
em um cântico  
de alegria e paz.  
Mas sei:  
tudo passará.



**CONHEÇA OUTROS  
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS  
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

**VISITE: [WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR)  
CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA)  
CURTA: [WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA](http://WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA)  
SIGA: [WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA](http://WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA)  
INSCREVA-SE: [WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD](http://WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD)  
E-MAIL: [ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG](mailto:ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG)**

**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI**